

## **OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS NA OBRA DE GASTON BACHELARD**

Luzia Batista de Oliveira Silva<sup>1</sup>

Resumo: O artigo objetiva mostrar a noção de complexo imaginário e apresentar os complexos identificados na obra de Gaston Bachelard, assim como, apontar a pertinência desse estudo para a compreensão de obras do autor, bem como, de diversos autores e contextos estéticos da atualidade. A partir das análises empreendidas pelo autor, pode-se atribuir ao filósofo uma teoria geral dos complexos imaginários, que possibilita embasar análises e leituras do imaginário em diversificadas situações e realidades.

Palavras-Chave: complexo imaginário, imagens, estereótipos, obstáculos.

---

<sup>1</sup> Universidade Metodista de Piracicaba



**A** noção de complexo imaginário na obra de Gaston Bachelard delinea-se a partir de obras epistemológicas - *A formação do espírito científico e O racionalismo aplicado*. Na primeira, surge a noção de complexo ao nomear algumas imagens e obstáculos ao conhecimento científico e também denuncia a presença de um complexo – um entrave inconsciente à formação do espírito pré-científico. Caracteriza-se, então, o complexo do pequeno lucro, que simboliza o espírito de avareza nas experiências científicas, contra o desperdício. O avarento, todavia, sonha obter lucro em tudo que faz. Na segunda obra, ao comentar sobre a vigilância intelectual sobre si mesmo, o autor comenta a respeito dos complexos de Prometeu e o de Cassandra, ambos relacionados com as questões educacionais, com o aprendizado e a capacidade de superação dos educandos aos seus mestres. São obstáculos advindos das imagens obsessivas dos educadores relacionadas com comportamento dos estudantes, nas instituições educacionais. Revelam os mestres autoritários e o que fazem de tudo para impedir o crescimento do aluno.

Na obra *A psicanálise do fogo*, o autor caracteriza algumas imagens simbólicas que são designadas como complexos imaginários, nomeados como *complexo de Novalis* e o *complexo de Empédocles*, os dois estão relacionados ao elemento fogo.

Atualmente, são recorrentes as citações sobre complexo, talvez pelo uso excessivo da palavra nos setores da economia, da política e da ciência, bem como, nas comunicações pelas mídias em geral.

Discussões que podem revelar que há uma “popularização” da psicanálise, mas também, maior instrução das pessoas nesse sentido, a busca pela saúde psíquica como benefício mais acessível a determinadas camadas sociais,

instrução mediante obras impressas, mídia televisiva, internet e jornais.

Parece fundamental lembrar que houve um considerável aumento da população ao ensino superior, sem entrar nos méritos da qualidade ou da excelência na formação dos profissionais para o acirrado mercado de trabalho, extremamente competitivo e discriminador.

Em que pesem os preconceitos e ojerizas aos programas televisivos, eles, talvez, contribuam, ainda que de maneira superficial, no que diz respeito a questões de saúde, quando destacam problemas comportamentais, psíquicos e outros, descontando-se os exageros e abusos.

Enfim, o estudo dos complexos imaginários obrigou-me, de certa forma, a navegar nas ondas, tramas e armadilhas do imaginário, sendo, por isso, fundamental compreender e identificar alguns arquétipos, permitividade dos elementos presentes nos enxames de imagens, valores simbólicos fundamentais à vida humana que atestam as produções e criações do inconsciente, tal como delineado por Sigmund Freud e seus seguidores.

Para Bachelard (1989a, p.20), os complexos são signos culturais, que viram figuras de retórica. Pode-se dizer que “um complexo é um fenômeno psicológico tão sintomático que basta um único traço para revelá-lo por inteiro”. Portanto, a “força emergente de uma imagem geral que vive por um de seus traços particulares é por si só suficiente para explicar o caráter parcial de uma psicologia da imaginação que se absorve no estudo das formas”(p.88).

O movimento da imagem é fundamental nesse estudo dado que, “não é a forma da cabeleira que faz pensar na água corrente, mas o seu movimento. A cabeleira pode ser a de um anjo do céu; no momento em que ondula, ela traz

naturalmente sua imagem aquática” (BACHELARD, 1989a, p.88).

Quanto à etimologia da palavra complexo, Carvalho (2003, p.97) pontua que “literalmente traduzida, identifica-se como tudo aquilo que se tece em conjunto, que reassocia o que está dissociado, comunica o que está incomunicável, religa o que está separado...”

Para Bachelard (1989a, p.90), “um complexo é sempre a articulação de uma ambivalência. Em torno de um complexo, a alegria e a dor estão sempre prontas a trocar seu ardor” (p.174). Sendo fundamental observar que, “... todos os complexos particularmente são, com efeito, produções dos complexos primitivos, mas os complexos primitivos só se tornam estetizantes quando se particularizam numa experiência cósmica, cobrindo-se de traços pitorescos, exprimindo-se numa beleza objetiva.” (p.175).

O autor (1989b) pontua a importância da leitura de obras literárias e a função do inconsciente na formação dos complexos, sendo fundamental, por isso, estimular a energia vital também com a leitura de obras da ciência e obras da cultura geral.

O estado de loucura foi descartado pelo autor porque está desassociado de um complexo imaginário. A turbulência e a fragmentação do pensamento, nesse estágio, dissociam os elementos associados na formação do complexo. A criação mental de um sistema organizado de pensamento ou escrita, capaz de expressar sentimentos, dores, perdas, desejos eróticos e outros, cristaliza-se mediante imagens obsessivas, no entanto, potentes, o suficiente para manter uma estrutura ou núcleo organizado, mesmo quando está permeado de material doentio, deformante, com problemas afetivos e carências extremas, todavia, rico em simbolização.

Expressões de imaginários carregados de dor e ódio viram revides agressivos e são relatados na literatura de todos os tempos. Isso porque, segundo Bachelard (1981, p.67), “desde que um complexo alcança os centros da linguagem escrita o problema é outro. Enfim, não é ainda a impressão que vem modificar o estado de espírito do autor”.

Mas, “para bem calcularmos toda a importância do complexo, para compreendermos os múltiplos sentidos da psicologia complexual, é, por vezes interessante ver em ação um complexo mal implantado, um complexo dividido por contradições, travado por escrúpulos.” (IBID., p.94).

Assim como a loucura, também a supervalorização cultural e a sublimação artificial podem impossibilitar falsificar as imagens de um complexo, fazê-lo expressar-se e comunicar-se de forma incoerente; embotado, destoado, artificial, sem força, sem expressão, porque “o dinamismo do complexo está como que falseado; porém este erro, esta paragem, fazem de súbito compreender um mecanismo psicológico que se mantinha secreto enquanto funcionava normalmente”.

Bachelard (1981, p.94-5) acredita que existe um paradoxo do complexo porque a “... originalidade é necessariamente um complexo e um complexo nunca é muito original...”. Assim, “se a originalidade é poderosa, o complexo é energético, imperioso, dominante; ele conduz o homem; ele produz a obra. Se a originalidade é pobre, o complexo é larvado, fictício, hesitante”. Mas, “de qualquer modo a originalidade não pode analisar-se inteiramente no plano intelectual. Só o complexo pode fornecer a medida dinâmica da originalidade”.

Originalidade, energia, criatividade, imaginação, potencialidade de imagens, forças advindas do imaginário, porque, segundo Wunenburger (apud Araújo e Baptista, 2003,

p.17), “o imaginário representa sem dúvida uma matriz de desejos, de modelos, de sentidos e de valores que permitem que os humanos estruturam a sua experiência, desenvolvam as suas construções intelectuais e deem início a acções”.

Talvez, por isso, as ciências humanas procuram encontrar uma explicação para a organização e o comportamento humanos e dissecá-los, dado que “a imaginação e o imaginário seriam assim lugares e instâncias que contêm um poder decisivo de hominização” (op. cit. p.18).

Lacan (2008, p.15) pontua que o “complexo, com efeito, liga sob uma forma fixada um conjunto de reacções que pode interessar todas as funções orgânicas desde a emoção até a conduta adaptada ao objeto”. É fundamental considerar que “foi como fator essencialmente inconsciente que Freud o definiu a princípio. Sua unidade é, com efeito, surpreendente sob essa forma, na qual ela se revela como a causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência, atos falhos, sonhos, sintomas”.

Kaës (2010, p.141) afirma que “o complexo pode ser definido como um conjunto organizado de representações e de investimentos inconscientes, construído a partir de fantasias e das relações intersubjetivas, nas quais a pessoa ocupa seu lugar de sujeito desejante”.

Para Bachelard, toda cultura está carregada de complexos culturais e estudá-los significa se aproximar dos sentidos e imagens estereotipadas. Mesmo quando essas imagens são ignoradas, distorcidas e recalcadas na esfera social, é possível constatar a presença de inúmeros obstáculos e entraves científicos, culturais, humanos e sociais, o que acaba gerando comportamentos individuais e de grupos que atestam a saúde ou a doença do imaginário.

Assim, pode-se afirmar que a obra de Gaston Bache-

lard é instrutiva e educativa por nos conduzir ao cerne das questões e, ao desmistificar os complexos culturais, o autor aponta o quanto eles revelam de uma cultura, sendo, por isso, um alerta e um guia para que compreendamos determinadas culturas e suas produções e criações.

A seguir, uma síntese dos sessenta e cinco complexos imaginários identificados na obra de Gaston Bachelard:

1. **Complexo Anal Manifesto** (1990b, pp.-129, 174, 190e 192) – *Victor Hugo*, quando o escritor descreve o intestino de Leviatã como se fosse o esgoto de Paris;
2. **Complexos Antropocósmicos**(1996, p.118) – *Henri Bosco*, quando o escritor descreve a criança que vive entre o sonho e a realidade, entre a memória e a imaginação;
3. **Complexos Culturais**(1989b, pp.50-51) – simbolizam, na obra de *Isidore Ducasse*, as agressões e violências prematuras no ambiente escolar;
4. **Complexo da Fonte de Juventa** (1989, pp.153-56) – *Paul Claudel*, ao descrever os benefícios das águas puras e subterrâneas, capazes de curar e purificar;
5. **Complexo da Força e da Destreza** (1994b, p.69) – *Rignano*, ao valorizar o tempo pensado mais que o tempo de realização;
6. **Complexo da Fronte Pensativa** (1991, p.157) – *Victor Hugo*, ao descrever, metaforicamente, a *fonte do rochedo* como sendo uma frente pensativa;
7. **Complexo da Serpente** (1991, pp.201-21) – *D. H. Lawrence*, ao caracterizar a serpente, mediante uma verdadeira



multiplicidade de formas, mostra, “um dos arquétipos mais importantes da alma humana...”;

8. **Complexo da Vida Aérea** (1989, p.38) – *Isidore Ducasse*, ao descrever a possibilidade de combinações imaginárias de animais marinhos com animais aéreos;
9. **Complexo da Vida Animal**(1989, pp.8-9 e 39) – *Isidore Ducasse*, ao descrever a violência com que um poeta devora tempo e espaço – descreve a “a energia da agressão...”;
10. **Complexo da Vida Marinha**(1989, p.39) – *Isidore Ducasse*, ao descrever a vida marinha, faz elogio aos instintos do Tubarão, o ataque, a impiedade e a agressão com que devora a vítima sem dar-lhe tempo para reagir;
11. **Complexo das Chamas do Inferno** (1989c) – os escritores que descrevem imagens da infância e cenas de solidão, mas que são tragadas pelo sonho noturno com seus pesadelos;
12. **Complexo de Altura** (1990a, p.127-162) – *F. W. Nietzsche* – é aquele que pertence às alturas, que prefere os picos e as montanhas – o caminhante das alturas;
13. **Complexo de Asma** (1991, p.114) – *G. Haugtmann*, ao descrever a felicidade do resfolegante renovado pela energia da forja, aquele que renova o ar pulmonar e renova-se, constantemente, vencendo limitações genéticas;
14. **Complexo de Atlas** (1991, pp.10, 287, 294 e 307) – *F. Hölderlin*, ao simbolizar o carregador de peso como aquele que ajuda a aliviar o sofrimento alheio porque se

sente forte para tal tarefa;

15. **Complexo de Calor e Frescura** (1996, pp.132-33) – *Marcel Proust*, ao descrever os odores da infância e a memória de lugares preferidos, faz pensar/imaginar“ o odor ou sabor da *palavra*”;
16. **Complexo de Caronte** (1989a, p.40) – *Edgar A. Poe*; ao descrever a morte como uma dissolução final, simboliza, ao mesmo tempo, os funerais primitivos e a morte natural;
17. **Complexo de Cassandra** (1949, p.75) – *E. Satie, G. Orson Wells e J. W. von Goethe*, ao descreverem o autoritarismo dos professores, aqueles que desejam que o aluno veja e sinta como o professor, na desculpa de não querer negar-lhe o “ouro do futuro”;
18. **Complexo de Cultura** (1989a, pp.19, 42-3) – *Pierre Louys*, ao descrever a cultura, adota forte carga mitológica, atitudes irrefletidas e exageradas;
19. **Complexo de Destreza** (2008, p.26) – todo escritor que constrói uma experiência energética capaz de manter o equilíbrio entre o devaneio e a ação;
20. **Complexo de Édipo** (1996b) – *os alquimistas do período pré-científico*, ao descreverem o tema da purificação das substâncias, escondem o tema da castração;
21. **Complexo de Empédocles** (1994a, 1989c, p.54) – *G. D’Annunzio e E. Zola*, ao descreverem o amor e o respeito ao fogo – união entre o instinto de viver e o instinto de morrer;

- 22. Complexo de Harpagon** (1991, p.235) – *Villiers de l’Isle-Adam* por simbolizar a paranoia e a avareza das pessoas pelo ouro e outras matérias-primas que parecem insignificantes, mas podem ser acumuladas para gerar lucro;
- 23. Complexo de Harpagon do Fogo** (1994, p.137) – o *sensu comum*, ao disseminar a crença de que todas as pessoas que consomem em demasia bebidas alcoólicas ficam “impregnadas de matérias inflamáveis” – crença na ingestão das substâncias como fontes de reserva;
- 24. Complexo de Hoffmann** (1994, pp.123-144; 1989a, p.101) – *E. T. A. W. Hoffmann*, ao descrever os prazeres relacionados à bebida quente e ao álcool, ideais para as noites frias;
- 25. Complexo de Inferioridade** (1989a, p.169) – os escritores que descrevem aqueles que provocam o vento e as tempestades, mas se quebram diante do açoite dos mesmos;
- 26. Complexo de Intensidade e Duração** (1994b, pp.111 e 115) – os poetas, porque são capazes de fazer durar um ritmo musical como um poema; porque “ser poeta é multiplicar a dialética temporal, é recusar a continuidade fácil da sensação e da dedução”;
- 27. Complexo de Jonas** (1990b, pp.96, 101, 116 e 139; 1991, p.100) – *V. Hugo*, ao descrever o tema do engolimento, simboliza o encanto onírico pela casa materna, a volta à mãe;
- 28. Complexo de Júpiter** (1994c, p.59) – as pessoas muito orgulhosas, aquelas que somente ficam satisfeitas ao

tornarem-se senhoras de um universo; o orgulho “... duplica a memória, duplica o inconsciente enraizado no passado... o orgulho sofre também um recalque” –sentimento primitivo que ganha dimensão e se torna uma questão misteriosa;

- 29. Complexo de Laocoonte** (1990b, p.217) – *A. P. De Mandiarges*, ao valorizar a serpente, descreve, com mais perfeição, a repugnância e a atração pela imagem da serpente;
- 30. Complexo de Lautréamont** (1989, pp.3, 94, 116, 124 e 126) – *I. Ducasse*, ao denunciar o complexo de violência humana através do complexo de superioridade do educador, que poderá desencadear um complexo de castração;
- 31. Complexo de Lautréamont Negativo** (1989, pp.15 e 17) – *F. Kafka*, ao descrever a metamorfose como algo cansativo e doloroso, deixa escapar a violência inerente à transformação ou à subjugação do homem aos instintos animais;
- 32. Complexo de Lautréamont Larvado ou Esclerosado** (1989, pp.94 e 95) – *I. Ducasse*, ao simbolizar a violência humana também mediante formas reduzidas, diminuídas, descaracterizadas e desbotadas;
- 33. Complexo de Luz e Vento** (1994c, p.63) – *A. Flocon*, ao retratar os céus com suas maravilhas, mas, inspirado pela luz e o vento, deseja tomar as alturas para se aproximar da terra;
- 34. Complexo de Medo-Curiosidade**(1974b) – os *poetas* que deformam as imagens ao descrever moluscos e conchas

metamorfoseados, com aparência aberrante, espantosa;

- 35. Complexo de Medusa** (1991, p.9) – *Joris-Karl Huysmans*, ao descrever aquilo que caracteriza a vontade de maldade, a projeção da hostilidade - o mestre autoritário que, com um olhar, pede silêncio;
- 36. Complexo de Memória e Imaginação** (1996a, p.20) – os *escritores* e os *poetas* que não separam a memória da imaginação – aqueles que cultivam a criança que habita em cada ser humano; ressaltam uma filosofia ontológica da infância quando apontam que “a infância dura a vida inteira”;
- 37. Complexo de Narciso** (1989b, pp.23-33) – *S. Mallarmé*, ao retratar, de modo positivo, os dois termos da dialética - ver e mostrar ou o encontro entre o real e o ideal;
- 38. Complexo de Nausicaa** (1989b, pp.36-43) – *P. Louys*, ao caracterizar a artificialidade e a supervalorização mitológica da cultura expressa nos textos literários – a “evocação livresca” dos mitos;
- 39. Complexo de Novalis** (1994a, pp.33-63) – *Friedrich von Hardenberg*, conhecido como *Novalis*, ao caracterizar o romantismo, a doçura do encontro amoroso, a busca da superação do puramente visual para uma consciência do calor da intimidade;
- 40. Complexo de Ofélia** (1989a, pp.58 e 86) – os *escritores* e *poetas* que caracterizam a morte por afogamento, ao descreverem o lado frágil e romântico da *anima* do homem;

41. **Complexo de Orfeu** (1994b, p.134) – os *escritores e poetas* que caracterizam a “necessidade primitiva de ajudar e de consolar”, os que se comprazem em dar prazer;
42. **Complexo de Paciência e Entusiasmo** (1994c, p.33) – *L. Segal*, ao caracterizar as pessoas pacientes, entusiasmadas, que trabalham pensando em cada detalhe;
43. **Complexo de Pantagruel** (1994a, p.99) – os *escritores do período pré-científico*, que descrevem o mito da digestão, da Idade Média aos dias atuais – as valorizações inconscientes do alimento do fogo;
44. **Complexo de Potência** (1991, p.295) – o alpinista *Samival*, que descreve a vontade de dominar totalmente a montanha como uma inimiga a combater;
45. **Complexo de Prometeu** (1994, pp.1 a 9) – os *escritores* que caracterizam as tendências que impulsionam o sujeito a saber tanto quanto ou mais que os pais e mestres;
46. **Complexo de Sublimação** (1990a, pp.55, 62 e 64) – *P. B. Shelley*, ao descrever o *sonho de voo*—materialidade e dinamismo no movimento aéreo vertical, a subida;
47. **Complexo de Superioridade** (1991) – os *escritores* que descrevem a superioridade dos que se colocam, confortavelmente, no centro da paisagem para contemplar a pequenez dos homens;
48. **Complexo de Superioridade do Crítico Literário** (1974, p.347) – o *crítico literário* que tem uma cultura literária profunda e se posiciona como autoridade máxima num texto que não escreveu, mas julga e atribui valor;

- 49. Complexo de Swinburne** (1989a, pp.165-186; 174 e 178; 1991, p.159) – *Paul de Reul*, ao descrever os nadadores que se autoflagelam nas ondas do mar para contar seus nados;
- 50. Complexo de Swinburne Larvado** (1989a) – simboliza o diálogo de duas cóleras - a da criança autoritária que quer mandar e a das ondas do mar que não seguem uma regra e nem uma ordem;
- 51. Complexo de Swinburne Vigiado, Dominado** (1989a, p.184-86) – *E. de Quinet*, ao caracterizar a cólera dominada, simboliza os nadadores que aprenderam a respeitar a água do mar como um elemento que impõe respeito e cautela aos homens;
- 52. Complexo de Xerxes Aéreo** (1990a, p.236) – *E. A. Poe*, ao descrever o ressentimento e a vingança contra o ar, o desejo de dominar e controlar a vida cósmica; os alpinistas que querem dominar as alturas com violência e agressividade;
- 53. Complexo de Xerxes Aquático** (1989a, pp.186-192) – *P. Saintyves*, ao descrever o masoquismo e o sadismo na ação de chicotear as águas para dominá-las, simboliza as pessoas agressivas que veem no elemento água uma forma de liberar sua agressividade;
- 54. Complexo de Xerxes da Montanha** (1991, pp.295 e 298) – *D. H. Lawrence* e *H. Michaux* descrevem a ‘provocação’ e o desafio à montanha, tentativa de dominação da altura, dos outros e do mundo;
- 55. Complexo dos Cabelos Rapados** (1989, p.54) – *I. Ducasse*,

ao denunciar os sofrimentos e chacotas infringidos aos alunos; humilhações morais às crianças que tiveram a cabeça raspada, uma imposição da escola ou da família;

- 56. Complexo do Cisne** (1989a, pp.12, 37, 40 e 132) – *J. W. von Goethe*, ao descrever as pessoas que revelam uma imagem hermafrodita; aquelas pessoas que têm desejos sexuais buscam a realização do desejo sexual sem aceção de gênero;
- 57. Complexo do Ninho de Águia** (1994c, p.86) – os *escritores* que descrevem as moradias na beirada dos rochedos, que se assemelham aos ninhos de águias, simbolizando a necessidade imaginária de habitar lugares altos, íngremes e difíceis;
- 58. Complexo do Pequeno Lucro** (1996b, p.172) – há um histórico cultural, especialmente na era clássica, que revela o excesso de afetividade e subjetividade, impeditivos à formação do espírito científico, dado o excesso e avareza do *querer Ter* e do *querer Ser*;
- 59. Complexo do Ponche** (1994a, pp.123-144; 1989a, p.101) – *Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann* descreve o ponche como o símbolo das bebidas quentes, do álcool;
- 60. Complexo do Viscoso** (1991, pp.90-106) – *Jean-Paul Sartre* descreve a atração e a repulsa à matéria suja, grudenta, viscosa;
- 61. Complexo Ducassiano** (1989, p.69) – os escritores que têm excelente erudição, que são ecléticos e sagazes para lidar com determinadas situações sem tomar partido e, ao mesmo tempo, sem se isentarem da própria opinião;



- 62. Complexo Espetacular** (1991, p.301) – *V. Hugo*, que revela, na contemplação da imensidão da terra, algo capaz de despertar no contemplador atitudes de Mago, de deslumbramento;
- 63. Complexo Hesitação-Criação** (199c, p.125-26) – *F. Hölderlin* e *Arnold F. W. Schönberg*, ao descreverem a saga de Empédocles; Arnold critica a si mesmo pelo que escreveu e Hölderlin hesita em escrever mais sobre o filósofo grego - Empédocles;
- 64. Complexo Infernal** (1991, p.312) – *J. A. Strindberg*, *Verbareme R. Desoille* descrevem a descida ao inferno interior para superação de paixões íntimas tristes e sofredoras;
- 65. Complexo Lacunar** (1994b, p.75) – *E. Dupréel*, ao tentar descrever o tempo psíquico, como o tempo vivido e o tempo pensado.

**BIBLIOGRAFIA**

BACHELARD, G. **Essai sur la connaissance approfondée**. Paris: Vrin, 1928.

BACHELARD, G. **A filosofia do não**: ensaio de uma filosofia do novo espírito científico. São Paulo: Abril Cultural,

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974b.

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

BACHELARD, G. **Lautréamont**. Lisboa: Litoral Edições,

BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1989c.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, G. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990c

BACHELARD, G. **O materialismo racional**. Lisboa: Edições 70, 1990d.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994a.

BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo:

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994c.

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996b.
- BACHELARD, G. **Le Racionalisme appliqué**. Paris: PUF, 1949.
- BACHELARD, G. **Estudos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- BULCÃO, Marly. **O racionalismo da ciência contemporânea: Uma análise da epistemologia de Gaston Bachelard**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003, 120p.
- CARVALHO, Edgard de Assis. (org.). **Ilya Prigogine, Ciência, Razão e Paixão**. Belém: Eduepa, 2001, 102p.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- KAËS, René. **O complexo fraterno**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MARCONDES CESAR, Constança. **BACHELARD: ciência e poesia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- MARCONDES CESAR, Constança. **A hermenêutica francesa: Bachelard**. Campinas: Alínea, 1996.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques (cordonné). **Bachelard et l'épistemologie française**. Paris: PUF, 2004.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'imagination**. PUF, "Que sais-je?", 1991.